

Visão do martírio no triunfo do Cristianismo

*hymnus in honorem passionis
Laurentii beatissimi martyris*

*Através dos olhos
e das palavras do poeta,
na leitura que fizemos
do Hino em Honra
da Paixão
do Beatíssimo Mártir
Lourenço,
entramos no âmago
conceptual do fenómeno
do martírio no triunfo
do Cristianismo:
o martírio como vitória
num combate
que dá direito à palma
e à coroa.*

M. Justino Maciel

*Departamento de História
da Arte da Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova
de Lisboa*

Muito se pode dizer e escrever sobre a problemática do martírio, a qual marcou profundamente os primeiros tempos do Cristianismo. “Mártir” significa em grego “testemunha”. Dava-se esse nome a quem testemunhou a sua fé, quando violentado na sua liberdade de acreditar. No Cristianismo, não se considerava mártir aquele que provocava a sua morte através da violência, como o proclamou o Concílio de Elvira na passagem do séc. III para o séc. IV:

Sobre aqueles que são mortos ao destruir os ídolos: se alguém destruir estátuas dos deuses e nesse acto for morto, uma vez que tal não se encontra escrito nos evangelhos nem se verifica nos tempos apostólicos, determinou-se que não seja incluído no número dos mártires.¹

A importância do martírio na Antiguidade condicionou o aparecimento e o desenvolvimento da arquitectura paleocristã. O lugar onde o mártir era sepultado passou a chamar-se “martyrium”. O local da sepultura do corpo passou a ser o lugar do testemunho, progressivamente enquadrado na edificação de igrejas, oratórios e basílicas, condicionando, com a evolução do culto

¹ Cânon LX: *Si quis idola fregerit et ibidem fuerit occisus, quatenus in euangelio scriptum non est neque inuenietur sub apostolis umquam factum, placuit in numerum eum non recipi martyrum* (J. Vives, *Concípios Visigóticos e Hispano-Romanos*, Barcelona-Madrid, 1963, p. 12).

das relíquias, toda a arquitectura cristã. No caminho da Antiguidade Clássica para a Antiguidade Tardia, a arte cristã surge no seio da arte romana, quando os quotidianos dos cristãos não se distinguem dos quotidianos dos romanos. Não só a nível da arquitectura. Também nas artes decorativas, seja na escultura, seja na pintura, no mosaico e até nas artes ditas menores.

Optámos por fazer aqui uma abordagem do tema do martírio através de uma investigação pontual sobre um poema dos finais do Império, que nos fala das mentalidades do tempo e de uma sociedade progressivamente cristianizada, em que a formação clássica se alia a uma nova visão do mundo. Apresentamos a sua tradução em anexo.

Trata-se do *Hymnus in Honorem Passionis Laurentii Beatissimi Martyris*, do poeta Aurélio Prudêncio Clemente, nascido no ano de 348 no Levante Peninsular (Saraçoça, Calagorre ou Tarragona?) poema inserido no *Peristephanon Liber* (*Livro das Coroas*), escrito nos finais do séc. IV ou princípios do séc. V. O *Livro das Coroas*, como o nome indica, canta as epopeias de cristãos que mereceram o prémio do martírio, destacando-se nele os panegíricos feitos a mártires hispânicos, como Emetério e Queldónio de Calagorre, Eulália de Mérida, Vicente e dezoito mártires de Saraçoça, Frutuoso de Tarragona e companheiros, bem como o próprio diácono Lourenço, que uma tradição fazia oriundo da Hispânia.²

Através dos olhos e das palavras do poeta, na leitura que fizemos do *Hino em Honra da Paixão do Beatíssimo Mártir Lourenço*, entramos no âmago conceptual do fenómeno do martírio no triunfo do Cristianismo: o martírio como vitória num combate que dá direito à palma e à coroa. Como já afirmara São Cipriano no séc. III, “os soldados de Deus e de Cristo não perecem, pelo contrário, são coroados”.³ Um processo que se opera no contexto da cidade romana, seja na perspectiva da cidadania, seja no âmbito físico da construção urbana. A cidade, circunstância do martírio, surge nos versos prudencianos no seu esplendor clássico, abrindo-se, todavia, a um novo exercício urbano, a uma nova cidadania, com matriz cristã. Assim, a nossa abordagem deste poema contemplará, na sua leitura e exegese internas, a visão do martírio como triunfo de um combate, a cidade clássica, a cidade cristianizada e, por fim, a génese de uma dinâmica iconográfica do martírio.

Armata pugnavit fides (v. 17)

Na base ideológica do martírio cristão encontra-se a ideia paulina de combate, enunciada em vários textos fundadores do Cristianismo. Diz Paulo:

Combate o bom combate da fé e conquista a vida eterna (1 Tim. 6, 12); combati o bom combate, terminei a minha carreira e guardei a fé. Já nada me resta senão receber a coroa da justiça (2 Tm 4, 7-8); Aquele que se prepara para a luta abstém-se de tudo, a fim de alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, para alcançar uma coroa incorruptível (1 Cor 9, 25).

² Lavarenne, Maurice, *Prudence, Le Livre des Couronnes (Peristephanon Liber)*, IV, Paris, Les Belles Lettres, 1963.

³ Ep. LXXXII, 2: *Dei et Christi milites non perimi, sed coronari (Patrologia Latina, 4, 430).*

O mundo greco-romano sublinhou a dinâmica agonística dos jogos, o esforço ou a própria “uirtus” dos atletas. O vencedor nos jogos era coroado com louros nos Jogos Píticos, em Delfos, com coroas de oliveira, em Olímpia, de aipo, em Némea e de pinheiro, nos Jogos Ístmicos, em Corinto.⁴ A coroa de loureiro, árvore consagrada a Apolo, tornou-se a mais comum. Em Roma, além desta, surge também a coroa de folhas de carvalho, a “corona ciuica” atribuída aos soldados que salvavam companheiros de armas em batalha, associada à “corona laurea” e à “corona triumphalis” dos generais e imperadores. A sociedade romana vivia esta cultura no seu quotidiano e as imagens dos jogos e dos combates, como as de outros quotidianos, não podia ser indiferente aos primeiros cristãos. E se, para estes, a vida terrena era um combate, de modo especial o era na situação de martírio. Por isso, o poeta diz que a “Fé combateu armada” (v. 17), porque para o combate são necessárias armas.

O mártir Lourenço mereceu a “corona ciuica”,⁵ porque no seu combate não se esqueceu dos pobres que lhe estavam confiados e porque a Fé, para o cristão, se reveste de uma dimensão comunitária. São os pobres que Lourenço apontou como tesouros da Igreja que lhe competia salvar.⁶ Mas este prémio está presente em qualquer mártir, e daí o reconhecimento cívico e o seu culto, comportamentos que passam, em primeiro lugar, pelas narrativas das *passiones* e, em segundo lugar, pelo culto das relíquias.

A *passio* de S. Lourenço, narrada por Prudêncio, é um bom exemplo deste reconhecimento. Num total de quinhentos e oitenta e quatro versos, o poema começa por falar da Roma do seu tempo – finais do séc. IV, princípios do V, já cristã – comparando-a com o que ainda era no tempo de Lourenço, nos meados do séc. III, ainda pagã. Refere o martírio do Papa Sisto II para enquadrar o do seu diácono. Este, guardador dos bens da Igreja, é mandado comparecer pelo prefeito de Roma e intimado a entregar essas riquezas. Lourenço pede tempo para fazer a recolha e surge depois apresentando os pobres e doentes, que a Igreja ajudava, como as suas verdadeiras riquezas. O prefeito promete então ao mártir uma morte cruel, sobre o fogo. No seu estrado de tortura, Lourenço reza por Roma e pelos romanos. A sua morte é considerada heróica e edificante. A sociedade romana volta-se progressivamente para o cristianismo. O poeta termina solicitando a intercessão do mártir junto de Cristo.

O culto das relíquias, por sua vez, tem origem no culto dos mártires. Recolhidos os seus corpos nos cemitérios e catacumbas, os lugares da sua deposição eram visitados e neles celebrados ágapes em sua memória. Desde cedo, sobre os seus túmulos, se celebrou a eucaristia, sobretudo nas catacumbas, entre “loculi” e arcossólios, mas também em “memoriae”, oratórios e hipogeus. Quando o Cristianismo obteve o Édito de Tolerância, em 313, estava instituída a prática de celebração eucarística sobre as relíquias dos apóstolos e dos mártires. Tal tradição tornou-se norma: todo o altar cristão teria de ter relíquias para que a celebração sobre ele se tornasse válida. Assim se desenvolveu a arquitetura cristã, desde o início condicionada pela existência, nas basílicas, igrejas, criptas e “memoriae”, dos corpos dos apóstolos, dos mártires e, mais tarde, dos confessores, ou pelas suas simples relíquias. As visitas e peregrinações obrigaram ao desenvolvimento das cabeceiras, das criptas e dos transeptos.

⁴ Plutarco, *Obras Morales y de Costumbres (Moralia)*, ed. F. Martín García, Madrid, Ed. Akal, 1987, vol. IV, p. 152, nota 323).

⁵ *Gestas coronam ciuicam* (v. 556).

⁶ Vv.140-175.

O culto a São Lourenço é um dos melhores exemplos desta realidade. O fidedigno *Liber Pontificalis*⁷ é o primeiro documento a referir o local onde se recolheram os seus restos mortais, no chamado *Ager Veranus*, junto à Via Tiburtina. O seu túmulo foi objecto de veneração contínua. Nos princípios do séc. IV, Constantino destacou-o e protegeu-o com um gradeamento de prata, transformando a “memória” em “martyrium”. Mais tarde, o mesmo imperador constrói junto deste “martyrium” uma grande igreja, dita Basílica Maior,⁸ enriquecida por vários papas dos séc. IV e V. Esta basílica acabaria, porém, por ser abandonada devido a problemas de humidade e de topografia, dando lugar a duas basílicas complementares, a Basílica Pelagiana (finais do séc. VI) e a Basílica Honoriana (séc. XIII), que funcionam, ainda hoje, como uma basílica dupla, cujo altar comum se encontra sobre o túmulo, na cripta, do mártir São Lourenço.⁹

A cidade clássica

É possível descortinar na narrativa prudenciana a cidade clássica de contexto romano, seja sob o ponto de vista do urbanismo, seja sob o ponto de vista da vivência da cidadania.

O urbanismo é desde logo sentido na referência que Prudêncio faz às muralhas de Roma,¹⁰ metonímia que significa toda a cidade construída e transformada através dos tempos com a retenção ou a expansão do seu recinto fortificado. A figura de estilo vem já de Vitrúvio, quando chama sistematicamente à cidade “moenia”, ou seja, muros, muralhas, ou recinto fortificado (*De Architectura*, 1, 4, 1). A ideia de “pomoerium” continua presente, com a referência do poeta a Roma, “mãe antiga de templos”,¹¹ edifícios que seriam encerrados “com trancas”¹² no tempo de Constantino, o mesmo acontecendo “às suas portas de marfim, fechando as suas nefastas entradas com ferrolhos de bronze”.¹³

Desta cidade clássica, que triunfara sobre os bárbaros, se retiram símbolos e imagens para o triunfo do cristianismo. Já não são os imperadores, mas os mártires, como Lourenço, que levam a novas vitórias. E os novos vencidos são os rituais romanos, agora chamados também de bárbaros.¹⁴

Mas continua a visão tradicional do Paganismo sobre as novas religiões vindas do Próximo Oriente, entre as quais os romanos comuns incluíam o Cristianismo. Os seus fiéis teriam muito dinheiro e arcas atulhadas de barras de ouro. Os seus pontífices beberiam por taças do mesmo metal, entre círios fixos em castiçais igualmente

⁷ Duchesne, Louis M., *Liber Pontificalis, Texte, Introduction et Commentaire*, Paris, E. Thorin, 1886, pp. 172 ss.

⁸ Krautheimer, Richard, *Early Christian and Byzantine Architecture*, Hardsworth/ Middlesex, et.al., Penguin Books, 1965, p. 31, fig. 12: Reconstrução isométrica desta basílica.

⁹ Krautheimer, Richard, *Corpus Basilicarum Christianarum Romae*, II, S. Lorenzo fuori le mura, Città del Vaticano, Istituto di Archeologia Cristiana, 1962.

¹⁰ “Auctor horum moenium” (vv. 416).

¹¹ “Antiqua fanorum parens” (v. 1).

¹² “Qui templa claudat uectibus” (v. 477).

¹³ “Valuas eburnas obstruat, nefasta damnet limina obdens aenos pessulos” (vv. 478-480).

¹⁴ “Laurentio uitrix duce ritum triumphas barbarum” (vv. 3-4).

dourados¹⁵. Seria essa a visão do prefeito de Roma, presidente do tribunal que julgou Lourenço, juiz que imaginaria subterrâneos onde se guardavam essas riquezas, reivindicadas pelo Príncipe para pagamento dos soldos.¹⁶ Refere-se o modo como na Antiguidade se conseguia industrialmente esta riqueza, no ouro das “escórias escavadas da terra”, extraído pelos condenados das “rugosas minas” ou nos rios.¹⁷

O Cristianismo era visto como mais uma religião de mistérios, neste caso da nova religião que não aceitava o panteão tradicional romano, representado no texto por Vulcano, Saturno e Jano, ideologicamente conotados com as origens e história da cidade de Roma, de que eram símbolos Rômulo, Remo, Quirino, Numa, Júlio e o próprio Senado¹⁸.

É esta cidade que Lourenço “percorre de um lado a outro”¹⁹ esta “cidade das togas”,²⁰ procurando os pobres e os doentes que ajudava, parte da sociedade da capital do império,²¹ onde “o erro troiano confundia ainda a cúria dos Catões”²² e “o Senado venerava Jano Bifronte e Saturno”.²³

Era uma cidade em que se destacava a ideia de vitória (“tu venceste os soberbos reis”),²⁴ de domínio (“dominaste com freio os povos”)²⁵ e de glória (“só esta glória faltava às insígnias da cidade das togas”²⁶) e que, desde Augusto, ostentava, ufana, as suas construções em mármore.²⁷

A cidade cristianizada

“Resplandecerão finalmente os mármore”²⁸. Esta frase do poeta, posta na boca do mártir Lourenço, revela a consciência das ricas tradições arquitetônicas e urbanísticas da cidade romana, suporte material tanto da Roma clássica, como da Roma cristã. Estes mármore significam também, por metonímia, os templos e edifícios da capital do império.

Um novo templo surge, que se vislumbra, segundo a descrição de Prudêncio, ser a basílica paleocristã. Lourenço disse aos pobres e doentes, que serve como diácono da Igreja de Roma, “que ficassem em pé, diante do templo”.²⁹ Eram eles as riquezas que o Deus dos cristãos “tinha nos seus templos”³⁰, no seu “enorme átrio”³¹ e nos seus

¹⁵ Vv. 65-73.

¹⁶ Vv. 89-92.

¹⁷ “Aurum, quod ardentis sitis, effossa gignunt rudera, et de metallis squalidis poenalis excudit labor, torrens uel amnis turbidus uoluens harenis implicat” (vv. 189-194).

¹⁸ Vv. 411-520.

¹⁹ “Tribus per urbem cursitat diebus” (vv.141-142).

²⁰ “Urbis togatae insignibus” (vv. 9-10).

²¹ “Mansuescat et summum caput” (v. 440).

²² “Confundi terror Troicus adhuc Catonum curiam” (vv. 445-446).

²³ “Ianum bifrontem et Sterculum colit senatus” (vv. 449-450).

²⁴ “Reges superbos uiceras” (v. 5).

²⁵ “Populosque frenis presseras” (v. 6).

²⁶ “Haec sola derat gloria urbis togatae insignibus” (vv. 9-10).

²⁷ Suetônio, *Diuus Augustus*, 28: Augusto “com justiça se pôde gloriar de ter deixado em mármore uma cidade que recebera em tijolo” (“iure sit gloriatus marmoream se relinquere, quam latericiam accepit”).

²⁸ “Tandem nitebunt marmora” (v. 482).

²⁹ Longo et locatos ordine adstare pro templo iubet (vv. 163-164).

³⁰ “Opes mirare, quas noster Deus praediues in sanctis habet” (vv. 170-172).

³¹ “Videbis ingens atrium” (v. 173).

“profundos pórticos”.³² A basílica cristã encontra-se aqui presente como imagem de um tipo novo de architectura. Com efeito, o “atrium” da casa romana surge, em grandes dimensões, na propedêutica ao espaço de reunião litúrgica cristã, espaço esse que, por sua vez, traz da basílica civil o seu protótipo. Às naves laterais desta basílica civil chamou já Vitrúvio pórticos,³³ porque separadas da nave central por alas de colunas. Prudêncio mantém a nomenclatura, acrescentando-lhe a qualidade de “profundos”, sublinhando assim o dinamismo e o esplendor do que viria a ser, com a era constantiniana, a dimensão da architectura paleocristã.

Prudêncio refere como que uma transição progressiva do paganismo para o cristianismo visível na architectura da cidade de Roma. Primeiro, “o povo começou a frequentar mais raramente os templos”. Depois, “acoria-se ao tribunal de Cristo”.³⁴ Podemos, pois, aqui sublinhar a ideia da transição entre a basílica civil, onde se encontrava o tribunal do juiz romano para administrar a justiça, e a basílica cristã, com planta e alçados idênticos, onde Cristo, o Justo Juiz, aplica a verdadeira Justiça.

Na economia do poema épico clássico, o que o poeta já conhece no seu tempo é apresentado profeticamente na visão do mártir Lourenço. A prolepse sublinha as transformações arquitectónicas em Roma, com o reconhecimento do Cristianismo, como condicionante de uma cidade nova, já não cidade de deuses, mas cidade de Deus. Com efeito, regista-se no poema um segundo nível de significação. Ao referir os pobres como riqueza da Igreja, Prudêncio apresenta-os também como jóias ou gemas com que se enfeitava o templo cristão.³⁵ Este, por sua vez, apresenta-se como imagem de um outro templo, feito de pedras vivas, como refere o texto de S. Pedro: “Como pedras vivas, entrai na construção de um edifício espiritual”.³⁶ Edifício, como por sua vez diz S. Paulo, que pode ser feito “com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha”.³⁷

O texto do poeta, ao colocar na boca do mártir Lourenço um discurso cívico, que justifica, por referência às preocupações de carácter social com os mais desfavorecidos da cidade de Roma, a atribuição da “corona ciuica”, como já referimos, manifesta-se, assim, como um “sermo urbanus”, apesar de Prudêncio se considerar, humildemente, um “poeta rústico”.³⁸ O seu canto permite aproximar Platonismo e Cristianismo. Com efeito, para justificar a aceitação do martírio, diz “que foi infligido às almas um aspecto corrompido, por mudança da sua condição, quando outrora uma grande beleza mimoseou os corpos em que moravam”.³⁹ A fidelidade a esse estado original permitia “sofrer os estilhaços dos membros e viver uma beleza interior”.⁴⁰

³² “Et per patentes porticus” (v. 175).

³³ “É recomendável que as colunas das basílicas sejam executadas com uma altura igual à largura dos pórticos (Columnae basilicarum tam altae, quam porticus latae fuerint, faciendae uidentur)”. *De Architectura*, 5, 1, 5

³⁴ “Plebs in sacellis rior, Christi ad tribunal curritur” (vv. 499-500).

³⁵ “Nunc addo gemmas nobiles, ne pauperum Christum putes, gemmas corusci luminis, ornatur hoc templum quibus” (vv. 297-300).

³⁶ “Et ipsi tamquam lapides uiui superaedificamini, domus spiritualis”. (I Ped. 2, 5)

³⁷ “Si quis autem superaedificat fundamentum hoc, aurum, argentum, lapides pretiosos, ligna, fenum, stipulam...” (I Cor. 3, 12)

³⁸ “Audi poetam rusticum” (v. 574).

³⁹ “Animabus inuorsa uice, corrupta forma infligitur, quas pulcher aspectus prius in corpore oblectauerat” (vv. 289-292).

⁴⁰ “Fragmenta membrorum pati et pulcher intus uiuere” (vv. 219-220).

É no contexto da cidade, como cidadão, que o mártir presta o seu testemunho. Daí, mais uma vez, sublinharmos a ideia prudenciana da atribuição da “corona ciuica” ao diácono Lourenço. Os seus concidadãos necessitados eram a verdadeira riqueza da Igreja que representava. Com efeito, havia “um ouro mais verdadeiro, eis a luz, eis o género humano”.⁴¹ Assim como o vestir de seda e o viajar em soberbo carro não significava a própria saúde física e, muito menos, a moral.⁴² Por isso, os pobres e os mártires resplandecerão “com vestes de púrpura e coroas de ouro”,⁴³ na “indizível cidade”,⁴⁴ a “Roma Celeste”.⁴⁵

Iconografia do martírio de São Lourenço

Na iconografia clássica dos deuses e dos heróis, em grande parte devido à multifacetada e multivariada mitologia, tornava-se necessário distinguir personagens e histórias, o que se foi realizando através da construção de significantes que, progressivamente, evoluíram para símbolos e se fixaram, em definitivo, como atributos. Assim, o atributo permitia identificar a personagem a que se encontrava associado. Deste modo, Júpiter é acompanhado da águia, Neptuno do tridente, Vénus de Cupido e por aí em diante.

Na arte paleocristã vemos a continuidade deste comportamento na representação de cenas bíblicas e de personagens como, por exemplo, os quatro evangelistas. Neste último caso, a identificação de cada um dos Evangelhos começou a ser feita pela representação do respectivo evangelista e por um ser vivo alado, com referência às visões de Ezequiel (Ez. 1, 5-11) e de São João no Apocalipse (Ap. 4, 6-8). Mas o mais interessante é que, no caso do chamado *Tetramorfo*, ou quatro formas referentes aos quatro Evangelhos, os atributos acabam mesmo por identificar sozinhos, sem a respectiva personagem do evangelista, cada um dos Evangelhos, a saber, a figura humana o Evangelho de Mateus, o touro, o de Lucas, o leão, o de Marcos e a águia, o de João.⁴⁶

São Lourenço é dos primeiros mártires a ser representado na arte paleocristã com atributos próprios, para além daqueles que são comuns a outros mártires, como a palma e a coroa, ou a outros diáconos, como o livro dos Evangelhos. O *Hymnus* de Prudêncio é o texto mais antigo que fala no martírio num estrado sobre uma fogueira, atributos que se tornariam em definitivo na base da identificação iconográfica de São Lourenço. Diz o texto:

*Espalhai as brasas de modo brando para que o ardor do fogo não se apodere do rosto do condenado e não entre nas profundezas do coração ... Sobe para a pira que acabou de ser feita, deita-te nesse leito digno de ti... Do seu estrado de tortura o Mártir interpela brevemente o juiz.*⁴⁷

⁴¹ “Si quaeris aurum uerius, lux est et humanum genus” (vv. 203-204).

⁴² VV. 237-240.

⁴³ “Sed purpurantibus stolis clari et coronis aureis” (vv. 275-276).

⁴⁴ “Illic inenarrabili allectus urbi municeps” (vv. 553-554).

⁴⁵ “Quem Roma caelestis sibi legit perennem consulem” (vv. 559-560).

⁴⁶ Maciel, M. Justino, “Um signo do tetramorfo na Antiguidade Tardia Portuguesa”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 12 (1999), pp. 353-364.

⁴⁷ “Prunas tepentes sternite, ne feruor ignitus nimis os contumacis occupet et cordis intret abdita” (vv. 341-344)... “Conscende constratum rogam, decumbe digno lectulo” (vv. 354-355)... “Ultro e catasta iudicem compellat adfatu breui” (vv. 399-400).

É evidente a informação sobre a fogueira e uma grelha entre as brasas e o corpo do mártir. À fogueira associam-se os termos “brasas” (“prunae”) e “pira” (“rogus”). À grelha, com as expressões “pequeno leito” (“lectulus”) e “estrado” (“catasta”). Foi esta a tradição que foi aceite, embora haja dúvidas se foi este o género de martírio sofrido por São Lourenço.

Com efeito, São Cipriano, contemporâneo dos acontecimentos, diz-nos que na perseguição de Valeriano, em 258, perseguição que atingiu apenas membros da hierarquia da Igreja, estes foram simplesmente executados:

*Valeriano, num escrito enviado ao Senado, ordenou que os bispos, presbíteros e diáconos fossem imediatamente executados*⁴⁸

Prudêncio refere a morte por crucificação do Papa Sisto e a morte na grelha e no fogo do seu diácono Lourenço. Foi esta a tradição registada pelo poeta calagurritano. Ela permitiu criar uma iconografia própria, em grande parte responsável pela interacção da arte clássica com a arte paleocristã.

Se na Grécia e na Roma clássicas os deuses e os heróis divinizados se identificavam pelos respectivos atributos, na Roma cristã o mesmo comportamento iconográfico se aplicou aos novos heróis, cuja apoteose se ligava intimamente à “uirtus” que os levava a suportar frontalmente o martírio.

As mais antigas representações de São Lourenço surgem-nos no contexto das chamadas artes menores. São seis imagens que se reportam a este Diácono da Igreja romana e que datam do séc. IV, portanto, anteriores ao texto do poeta Prudêncio. São reproduções efectuadas no séc. XVIII sobre os documentos arqueológicos originais e publicados na obra *Memorie della vita, del martirio, de miracoli, del culto, etc., di S. Lorenzo*, Roma, 1766 e na *Patrologia Latina*, vol. 60, Paris, 1862, col. 335. As quatro primeiras são decorações de fundos de taças, cálices ou unguentários de vidro encontrados nas Catacumbas de Roma, enriquecidas no valor e na cor com finíssimas lâminas de ouro inseridas dentro das camadas do vidro, um dos processos típicos deste tipo de arte no decorrer de todo o séc. IV d. C. A quinta surge num engaste de anel e a sexta numa placa rectangular de vidro cujo contexto se desconhece. Representam São Lourenço no martírio ou em apoteose e são posteriores em cerca de um século em relação à sua morte, dando-nos conta de quanto significava para os cristãos de Roma a memória deste Mártir.



Figura nº. 1

Na figura n.º 1, apesar de fragmentada, vemos, identificado pela inscrição do seu próprio nome, S. Lourenço, representado a meio corpo, barbado e como homem de meia idade, trajando túnica e “pallium”. Por trás da cabeça surge, quase como um nimbo, o crísmom ou

⁴⁸ “Rescripsisse Valerianus ad Senatum ut episcopi et presbyteri et diacones in continenti animaduertantur” (“Ep. LXXXII”, *Patrologia Latina*, vol. 4, p. 430).

anagrama constantiniano, que consiste na sobreposição das duas primeiras letras da palavra Cristo em grego: **X** e **P**. Uma cruz latina surge também por detrás dos ombros, simbolicamente indicando o sofrimento do martírio ou, concomitantemente, como atributo do diácono que tinha como uma das suas funções transportar a cruz processional nos cortejos litúrgicos, característica que também se revela na representação de S. Lourenço em mosaicos antigos, com destaque para o do Mausoléu de Gala Placídia, em Ravena e para o da Basílica de São Lourenço Extramuros, em Roma. À direita, aparece a letra grega Ω , fazendo supor que à esquerda estaria a letra A , significando a escolha destas última e primeira letras do alfabeto grego que Cristo é o princípio e o fim de tudo, tendo por base o texto do Livro do Apocalipse. No fundo e em volta, como que num exergo, a inscrição: (CHRISTI)ANE VIVAS IN CR, que se poderá traduzir: "Vive em Cristo, ó cristão".

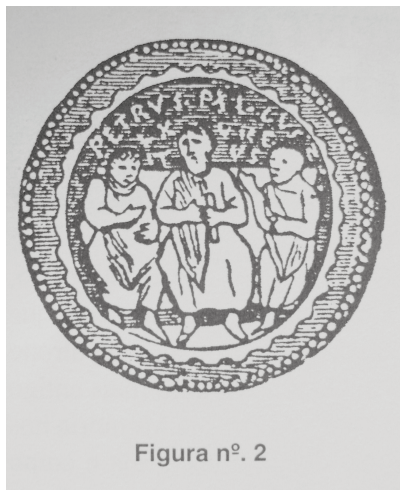


Figura nº. 2

A figura n.º 2 mostra-nos um medalhão inserido em círculos concêntricos, sendo o exterior pontilhado lembrando um colar de pérolas, com três personagens sentadas trajando todas túnica e "pallium". A sua identificação é possível através das respectivas inscrições: à esquerda, "Petrus"; à direita, "Paulus"; ao centro, "Laurentius". Estamos perante uma cena de apoteose em que os Príncipes da Igreja Pedro e Paulo recebem Lourenço e o apontam, através da expressiva linguagem dos gestos, como digno de honra e de consagração. A figura do Mártir avanta-se iconograficamente, seja porque, sob o ponto de vista formal, dispõe de maior espaço vertical no centro do medalhão, espaço esse que de um modo ou outro terá de ser preenchido, seja porque, e agora sob o ponto de vista conceptual, é a personagem que se pretende destacar. Na mão esquerda segura o rolo ou "uolumen" do Evangelho, seja porque deu testemunho dele, seja porque era sua função, como diácono, fazer a sua leitura nos actos litúrgicos.

Na figura n.º 3, S. Lourenço surge também no centro de dois círculos concêntricos, com túnica e "pallium", com a mão direita sobre o peito e ostentando com o braço esquerdo o "uolumen" do Evangelho desenrolado, assim realçando o seu múnus diaconal. Em volta, também como que num exergo, a inscrição: VICTOR VIVAS IN NOMINE LAURETI, o que significa: "Vive como vencedor sob a invocação de Lourenço". O espaço deixado livre entre a figura e a inscrição é preenchido, pelo dinamismo do horror ao vazio, com palmetas estilizadas, cujo simbolismo faz destacar a ideia de vitória e de consagração.



Figura nº. 3



Figura nº. 4

A figura n.º 4, por sua vez, reveste-se também da forma de um medalhão com círculos concêntricos. No círculo interior surge Cristo impondo coroas sobre duas personagens togadas não identificadas. No círculo exterior, seis "tabulae ansatae" ou tabelas separadas por outras tantas figuras togadas, que lembram filósofos ou pedagogos, apresentam os nomes dos Santos Paulo, Pedro, Hipólito, Cipriano, Sisto e Lourenço, todos eles mártires representativos da Igreja do Ocidente. É importante esta inclusão de São Lourenço, pois revela o estatuto a que ele ascendeu na sociedade cristã ocidental dos sécs. III e IV.

Na figura n.º 5, num vidro ou gema para engaste de anel, pois era comum entre os romanos

o uso de anéis com pedras de vidro ou semi-preciosas com gravação de vários temas iconográficos, vemos a cena do martírio de São Lourenço. O santo encontra-se deitado de costas na grelha em nudez heróica, joelho esquerdo flectido, mão esquerda e cabeça levantadas indicando que, no pleno uso da sua razão e conhecimento, se encontra a falar para os seus algozes. Dois destes remexem com varas a fogueira ateadada sob uma grade apoiada em quatro pés e um terceiro transporta aos ombros, para o

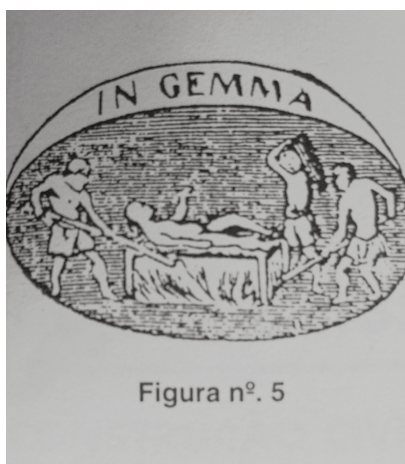


Figura nº. 5



Figura nº. 6

local, um saco de carvão ou molho de lenha. A expressão IN GEMMA vê-se que foi acrescentada a este desenho para contextualizar o uso deste vidro como pedra de anel ou sinete. Estamos perante uma imagem-signo, ou seja, o espectador cristão olhava para esta cena e não eram necessárias mais imagens, pois ela lhe recordava toda a descrição do martírio e história de São Lourenço. Aliás, esta imagem não tem qualquer inscrição a referir o nome de São Lourenço. Não precisava disso, de tal maneira era conhecida a sua forma de martírio.

Finalmente, a figura n.º 6 é também uma imagem-signo, se bem que em cima apareça a inscrição LAURECIV identificando o Mártir. São Lourenço surge-nos aqui iconograficamente corroborando a tradição de que pediu para ser voltado, uma vez que já estava queimado de um dos lados. O Mártir, deitado de bruços sobre a grelha e apoiando-se no braço esquerdo, olha o espectador enquanto o fogo crepita sob o seu corpo e uma auréola cintilante anuncia a sua muito próxima apoteose. O artífice, que produziu esta imagem simples no contexto de uma arte não erudita, conseguiu acentuar e focar no pormenor o essencial do martírio de São Lourenço: uma parte do fogo, uma parte da grelha, o corpo inteiro oferecido em sacrifício, a consciência plena que o Mártir revela da dignidade e invulnerabilidade da sua alma imortal, prestes a libertar-se em Deus.

Anexo

HINO EM HONRA DA PAIXÃO DO BEATÍSSIMO MÁRTIR LOURENÇO⁴⁹

Estando já entregue a Cristo, ó Roma, mãe antiga de templos,
Tu triunfas dos bárbaros rituais, vitoriosa pela mão de Lourenço.

Tu venceste os soberbos reis e dominaste com freio os povos.
Agora é aos monstruosos ídolos que tu impões o jugo do Império.

Só esta glória faltava às insígnias da cidade das togas:
Cativa da barbárie do paganismo, dominaria o imundo Júpiter,

Não pelas turbulentas forças de Cosso, Camilo ou César,
Mas pelas do Mártir Lourenço, num combate onde o sangue se derramou.

A Fé pugnou armada, pródiga do seu próprio sangue,
Pois que destruiu a morte com a morte e se ultrapassou a si mesmo.

O Papa Sisto profetizara, já pregado no madeiro,
Ao ver Lourenço chorando sob o tronco da sua cruz:

“Deixa, por causa da minha partida, de derramar dolorosamente lágrimas.
Vou à frente, irmão, também tu virás depois disto, num espaço de três dias”.

As últimas palavras do bispo, anunciadoras da glória, em nada falharam,
Pois lhe ofereceu a palma da vitória no dia anunciado.

Com que palavras, com que louvores celebrarei os pormenores da sua morte?
Com que poemas dignamente cantarei, versejando, a sua paixão?

⁴⁹ Tradução nossa. Texto latino em Lavarenne, Maurice, *Prudence*, pp. 28-49.

Ele é o primeiro de entre sete varões que estão próximos do altar,
O levita mais elevado em grau, o mais destacado entre todos.

Presidia à guarda dos vasos sagrados, governando o arcano da casa celeste,
Fiel com as chaves e dispensando conhecidas riquezas.

O prefeito da cidade imperial sofre da fome de riquezas.
Ministro de um insano governante, cobrador de ouro e de sangue.

Com que força extorquirá os dinheiros guardados, pensando que, sob os sacrários,
Haveria moedas de ouro e prata escondidas e acoguladas em montões?

Manda vir Lourenço à sua presença; pergunta pela arca atulhada de barras de ouro
E pelos montes escondidos de fúlgida moeda.

“Costumais – disse – queixar-vos de que nós vos maltratamos mais do que é justo,
Quando retalhamos os corpos dos cristãos de um modo mais do que sanguinário.

Longe de mim o estar animado por um juízo dos mais atrozes sentimentos.
Rogo-te de modo amigável e pacífico que te retrates espontaneamente.

Consta que nas vossas cerimónias há este costume e modo de proceder,
Este princípio de união: que os pontífices bebam por taças de ouro.

Dizem que o sangue sagrado exala o seu vapor em vasos de prata
E que os círios para as cerimónias nocturnas se fixam em castiçais de ouro.

Também corre à boca cheia que é grande o cuidado dos irmãos
Em oferecer milhares de sestércios depois de venderem as suas terras.

Os prédios dos antepassados são vendidos em repugnantes hastas públicas.
O herdeiro geme, esbulhado, não havendo parentes para os santos.

Todas estas riquezas serão ocultadas nos cantos retirados das igrejas
E acredita-se ser a máxima piedade o espoliar os amados filhos.

Tira para fora os tesouros acumulados, que administras governando
Com as tuas artimanhas e que fechas num escuro subterrâneo.

A utilidade pública exige tudo isso, assim como o fisco e o erário
Para que o dinheiro ajude o Príncipe e seja aplicado no pagamento dos soldados.

Assim é o vosso dogma, segundo ouço: a cada um o que lhe é devido.
Ora bem, César conhece a sua cunhagem gravada nas moedas.

Dá a César o que sabes que é de César, porque peço o que é justo.
Se não estou enganado, o teu Deus não cunha moeda alguma.

Nem trouxe consigo moedas de ouro quando veio ao mundo,
Antes deu ensinamentos por palavras, sendo pobre de bolsa.

Cumpri a rectidão dos seus preceitos. Como espalhais por todo o orbe,
Entregai de boa vontade os dinheiros, sede ricos de palavras”.

Lourenço responde a isto de modo em nada grosseiro ou irritado.
Mas, como que se preparando para obedecer, consente moderadamente.

“É rica – disse – não o nego e possui a nossa Igreja riquezas e muitíssimo ouro
E ninguém no mundo é mais rico do que ela.

O próprio imperador não possui tantas figuras em prata,
Ele, o possuidor da máxima autoridade, ele, a quem toda a moeda é dedicada.

Mas não recuso apresentar a arca do nosso riquíssimo Deus.
Divulgarei e mostrarei todos os tesouros que Cristo possui.

Mas uma coisa te peço rogando, dá-me um pouquinho de tempo,
Para que me desempenhe mais eficazmente do encargo desta promessa.

O tempo necessário para fazer um pormenorizado rol de todas as alfaias de Cristo,
Pois tem de se calcular primeiro e depois fazer-se a soma”.

Contente, o prefeito se enche de felicidade, desejando ardentemente e com esperança,
Como se o ouro, bem guardado, já estivesse em sua casa.

Combinaram um prazo de três dias. Em seguida, Lourenço é libertado e louvado.
Fiador de si mesmo e fiador de uma enorme riqueza.

Nos três dias percorre a cidade de um lado a outro, reunindo e congregando
Num só grupo multidões de doentes e de todos aqueles que pediam esmola.

Aquele, deixando ver as cavadas órbitas de ambos os olhos,
Punha à frente o seu bastão de cego, hesitando o passo errante.

E o coxo, de joelho quebrado, o inválido com uma só perna,
Ou aquele que tinha um pé mais curto que o outro arrastavam o seu desigual passo.

Este, de cujos membros ulcerosos escorre uma corrompida podridão.
E aquele cuja mão direita ressequida contrai os músculos do braço,

Eis quem ele procura por todas as praças, habituados a serem alimentados
Pela despesa da Mãe Igreja, os quais ele, como ecónomo, conhecia.

Em seguida, conta cada um deles, escrevendo individualmente os seus nomes.
Coloca-os ordenadamente em fila e diz-lhes que fiquem de pé diante do templo.

Já o dia corra e estava terminado. O juiz, eufórico e com espírito avaro,
Determinava o cumprimento do que tinha sido prometido.

Disse-lhe o Mártir: “Gostava que estivesse presente e admirasses, aqui expostos
Diante de todos, os tesouros que o nosso riquíssimo Deus tem nos seus templos.

Verás o enorme átrio refulgir de vasos de ouro
E, ao longo dos profundos pórticos, filas de montes de talentos”.

O juiz segue Lourenço sem pudor. Chegado à porta sagrada,
Lá estavam os bandos de pobres, multidão de aspecto inculto.

Sente-se o clamor dos suplicantes. O prefeito, admirado, horroriza-se.
Volta-se para Lourenço, ameaçador, com os olhos esbugalhados.

Diz-lhe o Mártir: “Por que é que, encolerizando-te, me ameaças,
[ou o que te desagrada?
Classificas, por acaso, isto de sórdido ou vil, será que o consideras digno
[de desprezo?

O ouro, que ardentemente desejás, produzem-no as escórias escavadas na terra
Que o trabalho dos condenados extrai das rugosas minas.

Ou então, um rio caudaloso o traz envolto nas areias
E que, terroso e sórdido, é preciso derreter nas chamas.

O poder é subvertido pelo ouro, a integridade é violada pelo mesmo metal.
A paz morre, a fé perece, as próprias leis são por ele destruídas.

Por que é que levantas o veneno da glória e o consideras de grande valor?
Se procurares um ouro mais verdadeiro, eis a luz, eis o género humano!

Estes são os filhos da Luz, que um corpo débil condiciona
Para que a saúde do corpo não retire a humildade à alma.

Quando a doença fere os membros, o ânimo torna-se mais robusto.
Ao contrário, quando os membros estão fortes, diminui o vigor da inteligência.

Pois o sangue, efervescendo na culpa, ministra menor quantidade de energias
Se o seu fervor enfraquecido pelas doenças desvanece e diminui a sua peçonha.

Se, por acaso, me dessem a escolher, antes quereria, mesmo sob crudelíssimas dores,
Sofrer o estilhaçar dos membros e viver uma beleza interior.

Compara as formas dos males, observa os danos contrários:
Será mais vergonhosa a doença da carne ou as úlceras da alma e dos costumes?

Os nossos, com os membros débeis, são íntegros na beleza interior;
Trazem com subtileza um carácter puro, que os liberta de qualquer sofrimento.

Os vossos são valentes no corpo, mas a lepra corrompe o seu interior.
O erro falha como um estropiado e a fraude cega nada vê.

Quem quer que seja dos teus Príncipes, brilhando nas vestes e no rosto,
Provarei que é mais fraco do que qualquer dos meus pobres.

A este, que se enaltece com seda, que viaja soberbo no seu carro,
A aquosa hidropisia corrói internamente com seu lívido veneno.

Quanto àquele avarento, contrai as mãos recurvadas e as aduncas unhas,
Não conseguindo relaxar os músculos nem a palma da mão.

A estoutro uma fétida luxúria arrasta por entre as meretrizes,
Manchando-o de lama e de sujidade enquanto suplica conspurcados estupros.

O quê? Aqueloutro, fervendo de ambição e suando com sede de honras,
Não será que uma escondida febre nele respira e nas veias um fogo o enlouquece?

Qualquer um que não se consegue calar e deseja ardentemente conhecer segredos,
Sofre, doem-lhe as entranhas e suporta a pena do coração.

Para quê destruir os túrgidos cancros dos corações invejosos?
E as feridas purulentas e lívidas das maldades?

Tu próprio, que governas Roma, desdenhoso do Deus Eterno,
Enquanto adoras as torpezas dos demónios, sofres de icterícia.

Estes, que soberbo desprezas, que julgas como execrandos,
Brevemente abandonarão os ulcerosos membros e ficarão incólumes.

Quando, por fim, se encontrarem livres e soltos da corrompidíssima carne,
Num belíssimo estado de Vida, luzirão na excelsa casa do Pai.

Não sórdidos nem débeis, como os vemos agora,
Mas resplandecentes, com vestes de púrpura e coroas de ouro.

Então, se me for dada essa possibilidade,
Gostaria que diante dos teus olhos fossem recenseados estes potentados do século.

Vê-los-ás cobertos de andrajos, os narizes constipados,
O queixo húmido de saliva, os olhos e as pálpebras remelosos.

Nada é mais repugnante do que um pecador, nada é tão leproso ou fétido.
Crua é a cicatriz dos crimes, que exala um cheiro como o antro do inferno.

Foi infligido às almas um aspecto corrompido, por mudança da sua condição,
Quando outrora uma grande beleza mimoseava os corpos em que moravam.

Eis, pois, as moedas de ouro que há pouco eu te havia prometido,
As quais nem a desventura submerge em cinzas nem os ladrões subtraem.

Aqui junto as nobres gemas, para que não penses que Cristo é pobre,
Jóias onde resplandece a Luz e com as quais se enfeita este templo.

Observas as sagradas virgens, espantas-te com as castas anciãs
Que, após a perda de um primeiro casamento, não quiseram uma segunda chama.

É este o colar da Igreja, estas são as suas jóias.
Assim enfeitada ela agrada a Cristo, é deste modo que ornamenta a sua cabeça.

Eis as riquezas, recebe-as, honrarás a cidade de Rómulo,
Aumentarás o erário do Príncipe, tu próprio ficarás mais rico”.

“Estamos a ser ridicularizados – exclama o prefeito furioso – somos enganados
De forma artificiosa por tantas figuras de retórica. E esta insana cabeça vive ainda!

Pensas, velhaco, que é impunemente que inventas estes enganos,
Com este sofisma de comédia, representando uma chocarreira fábula?

Pareceu-te uma fábula apropriada tratar-nos assim com zombaria?
Fui assim vendido às gargalhadas, como um bobo que faz rir?

Será que o poder consular deixou de ter autoridade e dignidade?
Será que uma mole brandura se apoderou da pública magistratura?

Dizes – De bom grado irei ao encontro da morte, honrosa é a morte dos mártires –
- É essa, bem o sabemos, a vossa vã persuasão.

Mas não te concederei, embora o queiras, que tenhas a saída fácil
De uma morte breve. Não permitirei que pereças rapidamente.

Susterei a tua vida, fá-la-ei perdurar pelo prolongamento de incessantes penas
E uma inextricável morte arrastará consigo, por muito tempo, as tuas dores.

Espalhai as brasas de modo brando para que o ardor do fogo
Não se apodere do rosto do condenado e não entre nas profundezas do coração.

Que um bafejante ardor se vá espalhando solto em leves sopros
E progressivamente tempere os tormentos de metade do seu corpo.

Bom é que, de entre todos, seja o próprio chefe dos mistérios que aqui temos.
Ele próprio servirá de exemplo para o que os outros deverão temer em breve.

Sobe para a pira que acabou de ser feita, deita-te nesse leito digno de ti.
E agora, se queres, diz lá que o meu deus Vulcano não presta para nada”.

Tendo o prefeito proferido estas palavras, ferozes torturadores
Se preparam para lhe tirar as vestes e estender os seus membros.

Quanto a ele, eis que a sua face resplandece e é cercada de um fulgor,
Tal como a cabeça do Legislador Moisés quando desceu do Monte Sinai,

Tendo diante dele o povo hebreu inquinado pelo culto ao bezerro de ouro,
Quando se assustou de pavor e voltou o rosto, impassível diante de Deus.

Parecido era também o resplandecente semblante apresentado por Estêvão,
Quando via os céus abertos por entre a chuva de pedras.

Assim aparecia ao longe o rosto do Mártir aos irmãos recentemente purificados,
Aos quais o Baptismo há pouco recebido tornara dignos de Cristo.

Todavia, a cegueira dos ímpios não via a claridade do seu rosto,
Sobre ele apenas vislumbravam um noite escura, como que cobertos
[de um véu negro.

Como aconteceu com a praga do Egipto, que condenara os bárbaros às trevas
E aos hebreus mostrava a límpida luz do dia.

Até a qualidade do odor que saía da pele queimada era sentida de diferente modo:
Para uns, cheiro a grelhado, para outros, como se néctar fosse.

A mesma sensação era diferentemente percebida: variada era a aura,
Enchendo de horror vingativo as narinas de uns e deleitando com agrado
[as de outros.

O mesmo acontece com o fogo que é Deus Eterno (pois Cristo é a verdadeira chama):
Enche inteiramente de luz os justos e queima os criminosos.

Tendo o calor cozido durante muito tempo o seu lado queimado,
Do seu estrado de tortura o Mártir interpela brevemente o juiz:

“Manda virar a parte do meu corpo já suficiente e continuamente assada e examina,
Para veres o que o teu deus Vulcano, ardendo, conseguiu”.

O prefeito mandou voltá-lo. E, de novo, Lourenço:
“Está cozido, prova e vê se é mais agradável cru ou assado”.

Dissera isto gracejando. Olhou depois o Céu e, com profundos gemidos,
Rezou, cheio de pena, pela cidade de Rómulo:

“Ó Cristo, nome único, ó esplendor, ó força do Pai,
Ó criador do orbe e do pólo do mundo, defensor também destas muralhas.

Tu que colocaste o ceptro de Roma no cimo de todas as coisas, determinando
Que o mundo serviria a toga e cederia às armas de Quirino,

Para governares sob as mesmas leis os costumes e a observância das gentes,
As línguas, os modos de vida e as religiões.

Eis que todo o género humano se encontra sob o domínio de Remo,
Fala-se a mesma língua em sociedades diferentes, sentem todos da mesma maneira.

Isto foi assim destinado para que melhor a lei do nome cristão interligasse,
Com um vínculo único, todas as terras.

Concede, ó Cristo, aos teus romanos, que seja cristã a sua cidade,
Pela qual deste a todas as outras o dom de terem uma única religião.

Todas as regiões se juntaram sob o mesmo Símbolo,
O orbe conquistado se civilizou. Que se civilize também a capital do Império.

Que ela repare nas longínquas terras que se juntam com a mesma Graça.
Que Rómulo se torne fiel e que Numa, ele próprio, também creia.

O erro troiano confunde ainda a Cúria dos Catões,
Venerando com fogos ocultos os exilados penates dos Frígios.

O Senado venera Jano bifronte e Saturno. Fico horrorizado
Só de falar de tantos monstros dos senadores e das festas saturnais.

Apaga, ó Cristo, esta ignomínia. Envia o teu anjo Gabriel.
Que ele dê a conhecer o verdadeiro Deus à errante cegueira de Júlio.

Já temos fidelíssimos penhores desta esperança,
Já aqui reinam os dois Príncipes dos Apóstolos.

Um é o Apóstolo dos Gentios, o outro, detentor da primeira Cátedra,
Abre as portas, que lhe foram confiadas, da eternidade.

Afasta-te, ó adúltero Júpiter, sujo com a violação da tua irmã,
Deixa Roma livre, fuge do Povo de Cristo.

Paulo te expulsa daqui, o sangue de Pedro te escorraça.
O crime das perseguições de Nero, que tu próprio instigaste, se vira contra ti.

Vejo um Príncipe e Servo de Deus que virá um dia,
O qual não permitirá que Roma continue a servir os sórdidos erros do paganismo.

Ele encerrará com trancas os templos, obstruirá as suas portas de marfim.
Impedirá as suas nefastas entradas, fechando-as com ferrolhos de bronze.

Então, purificados de todo o sangue, resplandecerão finalmente os mármore,
Ficarão inofensivos os bronzes que agora são venerados como ídolos”.

Assim terminou Lourenço a sua oração e assim terminou o seu vínculo corporal.
O seu espírito, seguindo a sua voz, saiu impetuosa e confiadamente.

Alguns senadores transportaram aos ombros o seu corpo.
Sentiram-se persuadidos em seguir a Cristo, perante a sinceridade deste Varão.

Uma repentina vontade dominara a sua mente e os obrigara,
Por amor do Deus Sublime, a odiar as antigas frivolidades.

Arrefeceu, a partir deste dia, o culto dos torpes deuses. O povo
Começou a frequentar mais raramente os templos, acorria-se ao Tribunal de Cristo.

E assim, o combatente Lourenço não precisou de cingir o seu flanco com a espada,
Antes agarrou e lançou ao inimigo o ferro que este lhe havia arremessado.

Quanto o demónio, que incitara ao combate esta invicta Testemunha de Deus,
Acabou por sucumbir trespassado, jazendo prostrado para sempre.

Esta morte do santo Mártir foi a verdadeira morte dos templos pagãos.
[A própria Vesta
Sentiu que os Lares da deusa Pallas eram impunemente abandonados.

Todos os Quirites que costumavam venerar a Taça de Numa passaram a frequentar
Os Átrios de Cristo, exultando com hinos ao Mártir.

As próprias Luzes do Senado, outrora Lupercos ou Flâmines,
Beijam as moradas dos Apóstolos e dos Mártires.

Vemos casas nobres, com Pai e Mãe ilustres,
Oferecer a Cristo os seus penhores de amor, os seus nobilíssimos filhos.

O pontífice, antigamente com fitas pendentes da cabeça, associa-se agora
Ao Sinal da Cruz e no teu Santuário, ó Lourenço, entra a Vestal Cláudia.

Ó três vezes, quatro vezes, sete vezes, feliz habitante de Roma,
Cidade que te celebra ao pé de si e venera o túmulo dos teus ossos,

Junto ao qual se pode ajoelhar, inundando esse lugar com lágrimas,
Baixando o peito contra a terra, derramando em murmúrio as suas preces.

M. JUSTINO MACIEL

Mas a nós, o basco rio Ebro nos separa, afastados por dois Alpes,
Para lá dos Montes Cotianos, para além dos nevados Pirinéus!

Sabemos apenas como Roma se encontra cheia de lugares santos,
Como é rico o chão da Cidade Eterna, como floresce de sepulcros sagrados.

Mas nós, que carecemos destes bens, que nem os vestígios do martírio
Podemos ver diante de nós, de longe contemplamos o Céu!

Deste modo, ó São Lourenço, procuramos informar-nos sobre o teu testemunho.
Com efeito, possuis uma dupla mansão: do corpo, na terra; da alma, no Céu!

Transportado para lá como munícipe da indizível cidade,
Para as alturas da Corte Celeste, levas contigo a coroa cívica.

Parece-me que o vejo resplandecendo com brilhantes pedras preciosas,
O Varão a quem a Roma Celeste elegeu como seu cônsul perene.

Que poder te foi concedido, que dons te foram dados,
Provam-no as alegrias dos romanos a quem atendes nas orações.

Aquilo que cada suplicante te pede, ele o alcança segundo é seu desejo.
Pedem, rogam e reivindicam e ninguém fica triste.

É como que se estivesses sempre disponível e como se alimentasses
[com amor paterno,
Abraçando no teu seio acolhedor os teus filhos da cidade de Roma.

Entre estes, ó glória de Cristo, atende um poeta rústico
Que confessa os pecados do seu coração e os reconhece publicamente.

Ele é indigno, eu o reconheço, eu o sei, que o próprio Cristo o ouça;
Mas, pela intercessão dos mártires, ele poderá conseguir a cura.

Atende benigno a súplica de Prudêncio, réu perante Cristo;
A ele, que é escravo do seu corpo, liberta-o dos laços do século."